

Artífices coleção



José Lopes Rodrigues

VIBRAÇÕES

— J. Lopes Rodrigues —

VIBRACIÕES



CAPA DA NOVA EDIÇÃO

*Ilustração a partir de trabalhos em xilogravura
produzidos por estudantes do curso Técnico em
Modelagem do Vestuário – Educação de Jovens e
Adultos, parte do acervo da Galeria de Artes e Ofícios
(Galo) do Câmpus Aparecida de Goiânia do IFG.*

CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Criação de Admir Nascimento.

Artífices coleção



José Lopes Rodrigues

VIBRAÇÕES

ISBN 978-85-67022-53-6

© 2021 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Goiás. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

R696	Rodrigues, José Lopes, 1908-1990. Vibrações / José Lopes Rodrigues. - Goiânia: Editora IFG; João Pessoa: Editora IFPB, 2021. - (Coleção Artífices). 152 p. ISBN 978-85-67022-53-6 ISBN (e-book): 978-85-67022-50-5 I. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título. II. Coleção. CDD 869.1
------	--

Catálogo na publicação:

Maria Aparecida Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB 1/1497

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Editora IFG

Avenida C-198, Qd. 500, Jardim América

Goiânia/GO | CEP. 74270-040

(62) 3237-1816

editora@ifg.edu.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO	8
PREFÁCIO	
VIBRAÇÕES	17
DUAS PALAVRAS	27
GOIÂNIA	29
NATIVIDADE	31
PRIMEIROS VERSOS	
LONGE DE TI	35
DESENCANTO	37
ESPERANDO	39
MENINA DAS TRANÇAS	41
NAQUELA NOITE DE FESTA	43
CEMITÉRIO	45
EXORTAÇÃO	
RESIGNAÇÃO	49
PERSEVERANÇA	51
HUMANIDADE	53

CONFIDÊNCIAS

CONFISSÃO	57
SÚPLICA	59
SOLIDÃO	61
UM SÓ!...	63
CIGANINHA	65
NO TEU ANIVERSÁRIO	67
DÚVIDA	69
RESISTÊNCIA	71
OBSESSÃO	73
ESSES OLHOS	75
MARIA DA CONCEIÇÃO	77

MADRIGAIS

REVELAÇÃO	81
LINGUAGEM DOS OLHOS	83
COMPENSAÇÃO	85
CAPRICHOS DO TEMPO	87
PERDOANDO	89
REMÉDIO	91
CARIDADE	93
ARREPENDIMENTO	95

DIVAGAÇÕES

AUSÊNCIA	99
GOTAS D'ÁGUA	101
ISOLAMENTO	103
ETERNA	105
VINGANÇA	107
TEMPESTADE	109
FLORESTA	111

NUM ÁLBUM	113
FELICIDADE	115
ERA UMA VEZ... (POEMA)	
ERA UMA VEZ...	119
POSFÁCIO	
A MODESTA CONTRIBUIÇÃO À POESIA	
GOIANA DE J. LOPES RODRIGUES	131

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

*Folheio o livro, pensativo e triste,
sorvendo os seus poemas, devagar...
Sondando, desnudando, ao meu olhar,
a alma que nestas páginas existe...*

Antônio Ramos Jubé, em "Semelhança".

Os senões, as imperfeições que lhes deslustram presentemente as obras, com o tempo, com a experiência e o aperfeiçoamento irão ficando para trás, motivo pelo qual não vacilamos, com os olhos no futuro, em dizer ao prezado leitor: folheie o nosso livreto.”¹ Esse excerto foi retirado de uma publicação de 1947. Naquele ano, em um dos pavilhões em *art déco* do prédio localizado no Setor Central da capital recém-fundada, funcionava a Seção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Goiânia (ETG) com as oficinas de tipografia e encadernação. Com o apoio do diretor da Escola, foram impressos os três poemas vencedores do Primeiro Concurso de Poesias do Movimento Unificador dos Estudantes Goianos, depois de serem avaliados por nada menos que Bernardo Élis, Leo Lynce e Eli Brasiliense, três destacados nomes da literatura produzida em Goiás. Trata-se da publicação mais antiga de uma gráfica de cuja história partimos para compor esta apresentação.

1 MUEG (Movimento Unificador dos Estudantes Goianos). *Primeiro concurso de poesias*. Goiânia: ETG, 1947. Não paginado.

A partir da inauguração e do batismo cultural de Goiânia em 1942, cinco anos depois de oficializada a transferência da capital do estado, alguns fatos mostraram-se decisivos para a conformação de um cenário literário na cidade. Um dos mais importantes consistiu na instalação da ETG, que representou a continuidade institucional da Escola de Aprendizes Artífices, a qual, desde 1910, estava em funcionamento em Vila Boa, a antiga capital. A contribuição para a produção local de literatura vinculou-se, sobretudo, às atividades do curso de Artes Gráficas. Como atesta o escritor Aidenor Aires, “na gráfica da Escola, onde o ofício de gráfico ainda era aprendido com caixilhos de tipos móveis e uma fumegante linotipo a chumbo, confeccionavam-se vários livros de autores goianos”.² Em depoimento à Editora IFG, o promotor de Justiça Wagner Jerson Garcia, ex-aluno do referido curso e filho de Odir Garcia, mestre linotipista da Escola, afirmou que a gráfica, a maior da Região Centro-Oeste até os anos 1960, cumpriu um importante papel social à época, uma vez que, por contar com o ofício dos aprendizes, conseguia oferecer serviços gráficos a baixo custo, o que facultava o caminho da publicação a quem dispunha de poucos recursos.³ Nesse contexto, a ETG foi a responsável por imprimir livros de prosadores e poetas em início de carreira, como Aires exemplifica em seu depoimento:

2 AIRES, Aidenor. *Estrela nascente do anjo Gabriel*. Goiânia, 2010. Disponível em: <http://blogdoelius.blogspot.com/2010/11/estrela-nascente-do-anjo-gabriel.html> Acesso em: 20 mar. 2020. Não paginado.

3 COLEÇÃO Artífices. Goiânia: Editora IFG, 2019. Produção de Renata Rosa Franco, Bruno Fiorese, Vinícius Soares e Olliver Mariano Rosa. 1 vídeo (3min49s). Publicado pelo canal Editora IFG. Disponível em: <https://youtu.be/scRyR2hBEIM> Acesso em: 20 maio 2020.

Ali consegui o *Pássaro de pedra* de Gilberto Mendonça Teles. Pelos corredores passava a figura fina quase diáfana, flutuando com a Vênus de Botticelli, a poetisa Yêda Schmaltz, que editava *Caminhos de mim*. Também Edir Guerra Malagoni, com seu *Tardes do nada*, *Primeira chuva*, de Bernardo Élis, e outros. Teatro, poesia, música, oratória.⁴

Essa prestigiada atividade gráfica não começou apenas com produção literária. Em 1948, o relato policial de J. C. Canedo, *História de um crime ou o crime de aldeia*, recebeu uma segunda edição em razão de seu sucesso, o que, nas palavras do autor, devia-se, em alguma medida, “ao trabalho gráfico executado pelos artífices da Escola Técnica de Goiás, onde a arte e o gosto não se fizeram faltar”.⁵ Ainda na década de 1940, no mesmo ano em que colocava no prelo os poemas do professor José Lopes Rodrigues com o título *Vibrações* (1949), publicava uma obra de referência documental do historiador e geógrafo Zoroastro Artiga, a *Monografia corográfica e histórica da nova capital de Goiás*.

Dois anos depois, em 1951, eram impressas as *Lendas de minha terra*, obra de Mário Rizério Leite contemplada pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, política de fomento à literatura goiana criada pela Prefeitura de Goiânia em 1943. Em 1955, Bernardo Élis apresentava seu único livro de poesia, *Primeira chuva*, com a inscrição “Tip. e Enc. da ETG”. Nesse mesmo ano, Gilberto Mendonça Teles estreava sua longa trajetória na escrita poética com *Alvorada*, também forjada pelas mãos dos escolares linotipistas. No início da década seguinte, Teles continuou sua parceria com a gráfica dos artífices: publicou, em 1962, *Pássaro de*

4 AIRES, 2010.

5 CANEDO, J. C. *História de um crime ou o crime de aldeia*. 2. ed. Goiânia: ETG, 1948.

pedra, que recebeu o Prêmio Álvares de Azevedo, concedido pela Academia Paulista de Letras, e editou, em 1964, seu discurso de posse na Academia Goiana de Letras com o título “A poesia de Leo Lynce e o sentido simbolista da obra poética de Erico Curado”.

Os anos 1960 foram marcados por uma produção profícua, que traduzia o contexto de movimentação artístico-cultural de uma juventude criadora. Em 1963, Ciro Palmerton Muniz, Geraldo Coelho Vaz, Yêda Schmaltz e Edir Guerra Malagoni participaram da criação do Grupo de Escritores Novos (GEN), que, até 1967, agremiou vozes que desejavam trazer mudanças à literatura goiana, sintonizadas com o movimento literário nacional e internacional. A gráfica da ETG tomou parte nesse processo quando levou do chumbo às páginas os livros desses quatro poetas, respectivamente: *Tempo maior* (1962), *Poemas de ascensão* (1963), *Caminhos de mim* (1964) e *Tardes do nada* (1965). No final da década, já com a marca da nova institucionalidade de uma autarquia da União, Escola Técnica Federal de Goiás (ETFG), vinham ainda a lume pelas mesmas tintas a coletânea de poemas da musicista Silvia Nascimento, *Madrugada* (1968), e a seleta de crônicas, contos e novelas de Nita Fleury Curado, *Vida* (1969). No início da década seguinte, a ETFG apresentava ao público a criação poética de Emir Omá (pseudônimo do poeta Euler de Amorim) por meio da segunda edição de *Aquarelas goianas* (1970) e do lançamento de *Flor de abril* (1971), as últimas obras que teriam sido impressas à época nas linotipos da Escola.

De todas essas obras foram selecionadas dez para representar a produção e compor a Coleção Artífices, que resgata não só a história do IFG e sua incursão no mercado editorial, mas também as marcas deixadas no estado quando da transferência da capital e os sentimentos vividos naquelas décadas, literalizados nas páginas de diversos autores, muitos deles em suas primeiras

obras. Apesar de a personalidade editorial não ser prioritariamente literária, uma vez que se publicava todo tipo de material impresso, sendo a gráfica acessível àqueles que pretendiam divulgar seus escritos, a literatura se destaca nesse período, principalmente em razão da publicação das primeiras obras daqueles que iriam se tornar grandes nomes da literatura regional e nacional. Da materialização dessas obras nascem a circulação e a divulgação delas feitas pelos jornais, pelos suplementos literários e pelos próprios autores, em saraus e encontros na capital goiana. Na livraria Bazar Oió, conhecido espaço cultural da capital goiana à época, os autores circulavam em diversos momentos e eventos. A importância de materializar uma obra literária naquele momento é perceptível ante a promoção dos escritores publicados pela ETG em jornais e revistas não só do estado de Goiás, mas de São Paulo e de cidades como Brasília e, especialmente, Rio de Janeiro – centro urbano que naquele momento ainda era considerado uma forte referência no circuito cultural.

Naquele contexto, esse movimento dependia muito das relações sociais, políticas e literárias de cada autor. A republicação atual ganha um novo aspecto e novos suportes, o que permite uma ampla circulação e divulgação por meio das plataformas digitais. Nesse aspecto, cabe a perspectiva de Le Goff, ao afirmar que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.⁶ Republicar significa memorar e marcar a presença cultural de uma instituição centenária e a sua importância para a produção literária, ao mesmo tempo que representa a afirmação da literatura goiana no cenário da literatura brasileira, o que é favorecido pela capilaridade da

6 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1999, p. 471.

Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, mesmo que a obra dos autores de Goiás ainda careça de reconhecimento em âmbito nacional.

Antonio Candido, no prefácio de 1957 à primeira edição do seu livro *Formação da literatura brasileira*, inscreve o seu apreço à nossa literatura na base do estudo apresentado. Embora à época tenha visto a literatura brasileira como “galho secundário” da portuguesa, esta, por sua vez, menor no “Jardim das Musas”, Candido diz: “Se não for amada (a literatura), não revelará a sua mensagem; e, se não a amarmos, ninguém o fará por nós”.⁷ O que nos interessa da afirmação de Candido não é a visão sobre o lugar ocupado pela literatura brasileira no conjunto da literatura ocidental, mesmo porque, passados mais de sessenta anos da publicação, e já àquela época, temos obras que fazem frente à mais qualificada produção literária da Europa e das Américas. O que chama a atenção é a disposição afetiva colocada no gesto do crítico e a responsabilidade ética que ele demanda do leitor e do estudioso de se debruçar sobre a nossa literatura.

A lembrança dessa passagem do livro de Candido vem a propósito do que temos a dizer sobre a literatura goiana, que teve na gráfica da ETG sua primeira casa editorial efetivamente de Goiás. Essa literatura surge com *O ditirambo às ninfas goianas*, que é tido como um canto de encômio feito pelo professor de latim e poeta Antonio Cordovil ao governador da província Tristão da Cunha Menezes. Nos registros consta a publicação de Cordovil entre 1792 e 1800. A considerar esse marco, temos, então, uma literatura com cerca de 220 anos, que nasce sob a égide da implantação da educação em Goiás, tendo em vista que Cordovil veio para cá com a função de ministrar aula de latim em

7 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos: volume 1: 1750-1836*. 8. ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997, p. 10.

Meia-Ponte, hoje Pirenópolis/GO. Uma literatura relativamente jovem que só vai constituir-se como tal no final do século XIX e no início do XX, quando podemos perceber uma produção modestamente acolhida por um público leitor, especialmente na capital da província e, depois da República, capital do estado, onde havia uma vida cultural intensa.

É esse contexto literário que, passado um pouco mais do seu centenário, produziu *Tropas e boiadas* (1917), de Hugo de Carvalho Ramos, uma das mais originais coletâneas de contos, já à época reveladores dos contrastes entre o urbano e o rural, entre o progresso e uma cultura sertaneja forte, presentes até hoje na identidade do povo brasileiro. Carvalho Ramos ganhou a cena nacional, mas contemporâneos seus ficaram à meia-luz como os poetas Félix de Bulhões, Luiz do Couto, Gastão de Deus, Augusto Rios e a poetisa Leodegária de Jesus. Sem citarmos Cora Coralina, que já mostrava seus primeiros escritos nos jornais e nos saraus.

Só mais tarde, com a mudança da capital e a construção de um contexto cultural embalado pela ideia de modernização, com agentes fomentadores e meios de produção criados, como a gráfica da ETG, é que a literatura goiana incorporou-se e desenhou com mais força seu percurso até os dias de hoje. É essa literatura, em cuja linha histórica percebemos as lacunas, o esquecimento e tantos silêncios, que a posição amorosa de Antonio Candido, citado anteriormente, serve para nos ensinar a valorizar e demonstrar nosso apreço a partir de sua leitura, de seu estudo e de sua partilha. O que a Coleção Artífices aqui apresentada propõe é trazer, às leitoras e aos leitores contemporâneos, poetas e escritores que impulsionaram a literatura goiana para ser o que ela é hoje: digna de ser lida e de ser examinada pelos leitores e bons críticos do estado de Goiás. A gráfica da ETG, ao publicar esses autores no passado,

assumiu protagonismo na história da literatura goiana, contribuindo para a sua afirmação e difusão. E o Instituto Federal de Goiás (IFG), agora, ao reeditá-los, abre o espaço que lhes pertence por direito no tempo presente e nos convoca para a leitura que exige o dever de “passar a limpo os autos do passado”.

Em 1947, aquele que apresentava o pequeno livreto de poesia ressaltou a qualidade dos poemas apresentados na ocasião. Dos três jovens poetas, apenas A.G. Ramos Jubé, que galgou o segundo lugar do concurso estudantil com o poema “Semelhança”, notabilizou-se nas letras goianas. Élis, Lynce e Brasiliense apontam-lhe os acertos. Não saberíamos dessa relação entre gerações de escritores goianos se não fosse as artes das oficinas de tipografia e encadernação da Escola. Como os estreates na poesia, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na arte da tipografia para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio. Com essa homenagem, conectamos dois tempos e dois mundos, o que se materializa, inclusive, no projeto gráfico dos dez livros: suas capas originais, cuja imagem está reproduzida no interior das reedições, dividem espaço com as novas capas, resultantes da recriação de desenhos produzidos em xilogravura por alunos do IFG/Câmpus Aparecida de Goiânia como parte das atividades da Galeria Artes e Ofícios, a qual, em seu nome e em sua prática, rememora a arte da tipografia de outrora.

A transposição espaço-temporal acontece também na composição das novas edições: reunimos à poesia ou à prosa dos escritores goianos prefácios de vozes célebres da cultura goiana, prefácios críticos de estudiosos da literatura do IFG, da UFG, da UEG e de outras instituições parceiras e, por fim, a reprodução de matérias jornalísticas veiculadas sobre os livros à época de sua primeira publicação, a maioria delas gentilmente cedidas pelo jornal *O Popular*. A todos os que colaboraram para tornar possível essa rica composição, registramos nosso agradecimento, sobretudo aos autores e familiares que cederam os direitos de publicação à Editora IFG.

Numa ou noutra das obras desta coleção que ora apresentamos, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Com vistas a essa dinâmica, a Editora estabeleceu sua estratégia de distribuição: toda a tiragem segue das gráficas para as estantes de bibliotecas públicas. Parafraseando os excertos que abrem esta apresentação, nós, os coordenadores da Coleção Artífices, não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a folhearem, com os olhos no futuro, cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.

OLLIVER MARIANO ROSA

MARCELA FERREIRA MATOS

GOIANDIRA ORTIZ DE CAMARGO

COORDENADORES DA COLEÇÃO ARTÍFICES

PREFÁCIO VIBRAÇÕES

José Lopes Rodrigues, que também assinava nos seus escritos J. Lopes Rodrigues, colaborou com inúmeros trabalhos literários publicados em diversos jornais e revistas de Goiás e do Triângulo Mineiro.

No jornal *O Popular* manteve por muitos anos, sob o pseudônimo de *Lord*, uma seção de humorismo, muito apreciada pelos assíduos leitores do periódico daquela época.

Na *Revista Oeste*, que surgiu no dia 5 de julho de 1942, em Goiânia, ao lado de diversos intelectuais da categoria, como Zecchi Abrahão, Bernardo Élis, Hélio de Araújo Lobo, José Décio Filho, Vasco dos Reis, João Acioli, Nelly Alves de Almeida, Leodegária de Jesus, Eli Brasiliense, Afonso Félix de Souza, Castro Costa, Floraci Artiaga, Amália Hermano, Demóstenes Cristino, Nice Monteiro, Rosarita Fleury, Oscar Sabino Júnior, Zoroastro Artiaga, Leo Lynce, Jovelino Campos, Augusto Rios, Colemar Natal e Silva e outros, encontram-se, também, diversas publicações, principalmente poemas de J. Lopes Rodrigues, com linguagem casta, digno do emérito professor de língua pátria.

Nasceu, o nosso biografado, no dia 1º de dezembro de 1908, no pequeno povoado de Almas, então distrito de Natividade, estado de Goiás, hoje pertencente a Tocantins. Era filho de Florindo Lopes dos Santos, falecido 15 dias antes do seu nascimento, e de Maria Rodrigues Pinheiro. Iniciou sua alfabetização em sua terra natal e transferiu-se para a cidade de Barreiras, na Bahia, para prosseguir nos estudos.

Seu tio João Lourenço Rodrigues, vendo em seu sobrinho, talento invulgar, criativo, inteligente e muito aplicado nos estudos, resolveu mandá-lo para a histórica e centenária Salvador, matriculando-o no Ginásio Nossa Senhora da Vitória, dirigido pelos Irmãos Maristas, onde foi colega de turma do festejado escritor Jorge Amado.

Com o falecimento do seu tio e sem ajuda financeira tão necessária, retorna à cidade de seu nascimento e, logo em seguida, é sorteado e convocado para servir na corporação da 3ª Companhia Isolada do 6º Batalhão de Caçadores, unidade do Exército Nacional, sediada na antiga Capital de Goiás. Dispensado e não aceito a prestar o serviço militar, regressa à velha e tradicional Natividade a pé, vencendo 900 quilômetros, em companhia de dois amigos, companheiros e conterrâneos, atravessando uma região desabitada, sofrida e deserta, caminhadas longas e muitas vezes pernoitando nos cerrados, matas e campos, procurando sempre um lugar próximo ao rio para o repouso merecido.

Com o bafejo da sorte, ao regressar ao seio da família, é nomeado para exercer a função de escrivão da 5ª Delegacia Regional, com sede em Natividade.

Contou certa vez o professor Lopes Rodrigues que se sentia isolado em sua cidade e tinha um grande desejo de prosseguir os estudos. Desejo que o perseguia sempre, quer nos momentos de solidão, quer nos sonos atormentados pelas noites silenciosas de uma pequena cidade interiorana.

Com poucos recursos de uma sacrificada economia, resolveu partir para a Cidade de Goiás e concretizar o velho sonho há muito idealizado.

Relatou-me, ainda, que, logo que chegou a capital, empregou-se como guarda civil para trabalhar na cidade,

obtendo bons vencimentos, entre os melhores daquela época. Incontinentemente, matriculou-se na 3ª série no Liceu Goiano e, nas horas vagas, frequentava o Gabinete Literário, onde conheceu as obras dos clássicos da história universal.

Na velha Capital, é admitido para trabalhar como funcionário do *Correio Oficial*. Em 1936, deixa a Cidade de Goiás, atraído pela propaganda da criação de Goiânia, vislumbra um futuro melhor, segue firme o seu caminho e seu destino, com pensamento de vencer e ter um lugar ao sol.

Em Goiânia, prestou concurso para o cargo de professor da Escola Normal Oficial, hoje Instituto de Educação do Estado, na cadeira de História. Foi diretor da Escola Normal de 1938 a 1946, e professor de Português na Escola Técnica Federal de Goiânia, hoje Instituto Federal de Goiás (IFG). Também foi professor de História da Arte na Escola de Belas Artes da Universidade Católica de Goiás, hoje PUC-GO, sendo um de seus fundadores. Em 1944, bacharelou-se pela tradicional Faculdade de Direito de Goiás.

Pertenceu a diversas entidades culturais, sempre participando das suas diretorias, como da União Brasileira de Escritores de Goiás; do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás; da Associação Goiana de Imprensa; da Ordem dos Advogados do Brasil de Goiás e da Academia Goiana de Letras. Nesta última foi secretário por muitos anos, sendo as atas por ele elaboradas verdadeiras peças da arte literária, com detalhe que hoje servem para pesquisas daquela Instituição.

Pela sua dedicação à arte e à cultura foi designado diretor da *Revista da Educação*, órgão da Secretaria da Educação e Cultura do Estado de Goiás, e, mais tarde, diretor do Departamento Estadual da Cultura, o que hoje seria a decantada Secretaria do Estado da Cultura.

De espírito calmo e alegre, o professor Lopes Rodrigues não ocupava seu tempo apenas com as lides do magistério. Indicado, por alguns anos dirigiu a Secretaria da Assembleia Legislativa de Goiás e, como jurista, integrou, no período de 1962–1963, o Tribunal Regional Eleitoral, exercendo, com inteligência, honradez e dignidade, o cargo naquele Egrégio Tribunal.

Em 1948, foi autor da letra do Hino do Congresso Eucarístico realizado em Goiânia. O poema foi musicado por José Neddermeyer. É um verdadeiro hino de exaltação à fé cristã. Então, vejamos:

De Goiânia na verde campina,
Sob os céus de Goiás sempre anil,
Vem curvar-se ante a Hóstia Divina
Brasileiros de todo Brasil.

Hóstia pura, Hóstia santa, bendita,
És das almas divino manjar
Que de Cristo a bondade infinita
Nos deixou com graça sem par.

Goiás, pátria do índio bravo,
Que as bandeiras trouxeram à luz,
Ontem, terra buscada ao gentio;
Hoje, altar onde reina Jesus.

No milagre do pão e do vinho,
Estás sempre conosco, ó Jesus,
Como Vida, Verdade e Caminho
Que a morada do céu nos conduz.

Esse hino foi cantado em todas as paróquias do estado de Goiás. Expressa a fé em Deus e traduz a espiritualidade do povo cristão.

Em 1949, escreveu o livro de poesias *Vibrações*, editado pela Tipografia e Enc. da Escola Técnica de Goiânia, que foi muito bem recebido pela crítica literária e nos meios culturais do Estado. O poeta Leo Lynce, príncipe dos poetas goianos, diz que: “*Vibrações* é um livro que agrada. Encanta. São versos de repousante simplicidade. Um lirismo envolvente e sadio. Poesia espontânea e musical, que a gente declama e declara sem querer”.

Consagrado sonetista, sobre ele o professor José Luiz Bittencourt, membro da Academia Goiana de Letras e vice-governador do estado goiano, em discurso proferido no auditório dessa academia, exaltou: “Parnasiano por excelência soube demonstrar no *Vibrações*, único livro que publicou, a sua sentimentalidade poética, o seu respeito pela língua, a segurança métrica, a beleza imagística e harmonia da palavra sempre colocada no lugar certo”. O crítico literário e poeta Gilberto Mendonça Teles, na sua monumental obra *A poesia em Goiás*, afirma que a poesia de J. Lopes Rodrigues “é toda ela de conceituação parnasiana, ou neoparnasiana, com um leve tom de filosofia”. Mais adiante, sinaliza e lembra o famoso poeta Raul de Leoni, “guardada as devidas proporções”.

Sonetista por excelência, os poemas de José Lopes Rodrigues traduzem a dor do negro escravo. Ao finalizar “Vingança”, com forma vindita, num antológico trabalho literário, relata poeticamente a formação da raça brasileira. Lopes Rodrigues burila o verso com cuidadoso carinho, tornando, assim, o trabalho de grande valor literário, que atinge enorme teor de expressividade. Transcrevemos, nesse instante, o poema, “Vingança”.

Pátria que além ficou. Há de sempre lembrá-la,
Durante o cativeiro amargurado e longo,
Na saudade, no banzo, e no sonho que fala
De vida feliz nas florestas do Congo.

Quando agora procura a tristonha senzala
Alegrar com o batuque, - às pancadas do gongo
Já responde o feitor com o azorrague que estala,
Impedindo, malvado, os gingados do jongo.

Do branco não lhe vem um gesto de carinho,
E, em paga do trabalho, o açoite, o pelourinho,
A cruz do sofrimento alçava a vida inteira.

Mas o negro se vingava: e o sangue do cativo,
Serranteio, se mescla ao do senhor altino,
Na mista formação da raça brasileira.

O nosso biografado casa-se com a poetisa Sílvia Lourdes Nascimento, companheira e amiga até os últimos dias de sua vida. Desse casamento, nasceram as filhas Denise e Daila, ambas dedicadas às artes musicais. No dia 9 de janeiro de 1994, Goiás perde um importante educador, grande poeta e um conselheiro amigo. O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e a Academia Goiana de Letras prestaram justa homenagem póstuma ao inesquecível José Lopes Rodrigues, que deixou seu nome gravado nos anais históricos de Goiás.

GERALDO COELHO VAZ

Escritor e membro da Academia Goiana de Letras.

À minha mãe –
Maria Rodrigues Pinheiro
– *afetuosamente.*

DUAS PALAVRAS

“VIBRAÇÕES” reúne poesias nascidas em diversas épocas; desde as que aparecem em “Primeiros Versos” — filhas inexperientes da adolescência — às demais, vindas depois, a longos intervalos, surgidas nas horas de lazer.

Umas, inéditas; outras, já publicadas em jornais e revistas.

A instâncias de amigos devo, agora, o enfeixá-las em volume.

Versos sem apuro, sem adorno, pobremente vestidos.

Poesias simples, marcando apenas horas de enlevo, momentos de estesia, instantes de alheamento.

Oásis pontilhando o caminho longo e deserto. Ligeiras fugas da realidade. Rápidas excursões pelo país dos sonhos.

Se virtude for, terão elas uma única — a da espontaneidade.

Fluíram sem esforço, mesmo porque buscadas como prazer e como descanso.

“VIBRAÇÕES” não é, porém, um livro onde se possa marcar encontro com a poesia moderna.

Daí o receio de que não seja compreendido pelos novos.

Se, no entanto, jamais me afastei de moldes da velha Escola, é por não conceber a realização da Arte sem o curso da forma.

E aqui está o meu livro — modesta contribuição à poesia goiana.

O leitor que o julgue.

Goiânia, nov. 1949.

GOIÂNIA

Liberta de um passado centenário,
Tu surgiste, Goiânia peregrina,
Das pegadas impressas na campina
Por novo bandeirante temerário.

Plasmada por mãos rudes de operário
A beleza que prende e que fascina
Ressombra de teu corpo de menina,
Filha augusta de um sonho visionário

Cidade — ideia que se faz certeza —
No teu porte soberbo de princesa,
Cujos encantos teu perfil revela,

E que a vaidade feminina aprova,
Se és do Brasil, de todas, a mais nova,
És de Goiás, de todas, a mais bela!

NATIVIDADE

Solitária, descansa ao pé da serra,
Junto ao Praia que, manso, rumoreja,
Minha velha cidade, minha terra,
Que aos níveis raios do luar branqueja.

Bem longa história seu passado encerra!
E do Rosário a secular igreja,
No silêncio de pedra em que se aferra,
Recolhe um tempo que já não viceja.

No delírio de sonho transitório,
Foi sede do governo provisório
De um Norte que aspirava liberdade.

Sabendo as glórias que já teve outrora
E vendo-a triste como vive agora,
Quanta pena me dá, Natividade!

PRIMEIROS VERSOS

LONGE DE TI

Inda me lembro quando tu partiste:
Foi numa tarde que te foste embora.
Fiquei sozinho, amargurado e triste;
Seguiste alegre pela estrada a fora.

Bem depressa dos olhos me sumiste
E nunca mais te pude ver, senhora.
Quanta lembrança na minha alma existe!
Quanta saudade me tortura agora!

Sabes, mulher, o muito que te quero.
E tardas, e não vens... Debalde espero...
Por que me afliges, demorando assim?

Não me entregues a tanto esquecimento!
Soubesses do meu fundo sofrimento
Talvez sentisses compaixão de mim.

DESENCANTO

Contente fui ao baile. Ia encontrar-te
E contigo dançar a noite inteira,
Que, no mundo, não há quem mais te queira,
Não há, mais do que eu, quem possa amar-te.

Salão em festa. Luz, beleza e arte
Casavam-se em harmonia verdadeira
Entrei. E o teu perfil de feiticeira,
Ansioso, procurei por toda a parte.

Mas, depois de buscar-te tanto, tanto...
Fui descobrir-te conversando a um canto
Com alguém que te sorria satisfeito.

E eu, que ali fora, alegre, esperançado,
Voltava, agora, triste, acabrunhado,
Trazendo a solidão dentro do peito.

ESPERANDO

Ela ficou à margem do caminho,
À espera do seu Príncipe Encantado
Que viria de sedas e de arminho,
Que de há muito era em sonhos desejado.

Logo haveria de chegar sozinho
Para o beijo primeiro do noivado.
E, depois, seguiriam, de mansinho,
Pela estrada da vida, lado a lado.

Mas ele, quando veio, finalmente,
Passou de largo, altivo, indiferente.
Nem os olhos ao menos lhe volvera...

Foi, então, que chorou!... Na longa espera
Não vira que lhe fora a primavera
E, por tanto esperar, envelhecera...

MENINA DAS TRANÇAS

Ainda me recordo... São lembranças
Que conservo de ti, do nosso amor
E de beijos trocados com calor,
Na quadra de ilusões e de esperanças.

Tinhas o riso meigo das crianças,
Olhar terno, distante, sonhador...
Dava-te sombra ao rosto a negra cor
De duas lindas, perfumadas tranças.

A teu lado feliz eu me sentia,
Uma vida risonha me sorria,
Mas o tempo operou tantas mudanças....

Para longe, bem longe, tu partiste,
E me deixaste solitário e triste,
Com saudades de ti, virgem das tranças.

NAQUELA NOITE DE FESTA

Naquela noite de festa...
Não negues, que tudo eu vi,
E sei que nada me resta,
Se teu amor eu perdi
Naquela noite de festa.

Por outro tu me deixaste,
Sem que existisse razão.
Esquecendo que me amaste,
Que te dei meu coração,
Por outro tu me deixaste.

Dançando com teu amado,
Mostrava-te sorridente,
E por mim, pobre coitado,
Passavas indiferente,
Dançando com teu amado.

Nem um sorriso, um olhar...
Enquanto ao outro – bem sei –
Nada quiseste negar.
E a mim, que sempre te amei,
Nem um sorriso, um olhar...

Quanto sinto este abandono
Que, de dia, me tortura,
Que, à noite, me rouba o sono.
Vendo fugir a ventura,
Quanto sinto este abandono.

Por que motivo, formosa,
Tu não tens pena de mim,
De minha alma desditosa,
E me maltratas assim?
Por que motivo, formosa?

Antes eu nunca te amasse.
A paixão que me devora
Nunca em meu peito brotasse.
Para estar sofrendo agora,
Antes eu nunca te amasse!

Naquela noite de festa
Não sei o mal que te fiz.
No entanto, a verdade é esta:
Tu me fizeste infeliz
Naquela noite de festa.

CEMITÉRIO

Morada do silêncio. Ali, na solidão
Dos brancos mausoléus, dos jazigos sombrios,
Geme o vento de manso, em sussurros macios
De dorida saudade a magoada canção.

Passam vultos vagando, errantes, fugidios,
Na noite tumular da silente mansão.
Piam mochos, da lua ao pálido clarão,
Nas cruzes de madeira e nos chorões esguios.

Do sino azinhavrado ao badalar funéreo,
Coveiros lançam terra em despojos queridos,
Impassíveis à dor e a lágrimas que correm.

Também meu coração é um triste cemitério
Onde estão a dormir os sonhos não vividos
E onde vou sepultando as ilusões que morrem.

EXORTAÇÃO

RESIGNAÇÃO

Amigo! bem feliz é o que suporta
O manto esfarrapado da pobreza,
E não revela a mínima tristeza,
Quando a miséria vem bater-lhe à porta.

Pois faça o mesmo. E, pobre... – pouco importa! –
Não se revolte contra a Natureza,
Porém nalma conserve sempre acesa
A luz da fé que anima e que conforta.

Viva alegre, contente com o Destino:
E, ainda que se julgue pequenino,
Não sinta inveja da grandeza alheia;

Nem guarde da pobreza injusta a mágoa:
Também ocupa espaço um pingo d'água,
E pesa, e tem volume um grão de areia.

PERSEVERANÇA

A nem todos a sorte benfazeja
Estende a mão amiga e dadivosa;
Que, se a tantos se mostra generosa,
Recusa a muitos o que aos mais sobeja.

Se nem sempre a ventura te corteja,
Se a vida não te é sempre cor-de-rosa,
Não te queixes da sorte caprichosa;
Não lhe digas jamais: — Maldita seja!

Antes que a própria dor te faça triste,
Deves lembrar que, mais que a tua, existe
Muita vida infeliz por entre o povo.

Aceita do infortúnio o golpe rudo:
E, ainda quando for perdido tudo,
Sempre é possível começar de novo.

HUMANIDADE

Bem haja aquele que o enfermo assiste
E o pão reparte com o infeliz mendigo;
Que sempre acolhe o que lhe pede abrigo
E enxuga o pranto e dá consolo ao triste.

E bem haja o que sabe ser amigo
E cuja vida só no amar consiste;
Que no caminho do dever persiste
E bom se mostra e vive em paz consigo.

Procure, companheiro, desde agora,
Ao que padece, ao que soluça e chora,
Tornar-lhe os dias claros e serenos.

Seja pronto a servir, não importa a quem:
E, quando não puder fazer o bem,
Que o mal também não faça, pelo menos.

CONFIDÊNCIAS

CONFISSÃO

Não pode ser possível! ... Todavia,
Eu sinto qualquer coisa por você,
Uma atração que cresce dia a dia,
Sem que a razão possa dizer por que.

Bem que tento ocultá-lo. Quem me vê
Não sabe que me empolga e me inebria
Este afeto em que – sei – você não crê,
E é todo o meu viver, minha alegria.

Amo-lhe os olhos que me prendam tanto,
E esse sorriso que me enxuga o pranto.
Amo-lhe a imagem de feições serenas,

E a graça, a inteligência, a juventude!...
Perdoe-me, pois, se dominar não pude
O que pensei fosse amizade apenas.

SÚPLICA

Tu sempre foste meu amor. No entanto,
Feliz eu não te fiz como devia,
Que, se te dei momentos de alegria,
Fui, muitas vezes, causa do teu pranto

Se desse rosto de sublime encanto
Apaguei sombras de melancolia,
Também, por minha culpa, noite e dia,
Teus lindos olhos já choraram tanto.

Assim sempre tem sido. E não mereces
As dores – que em silêncio tu padeces –
De feridas que abri sem desejar.

Mas, pelo muito com que nos queremos,
Pelas horas felizes que vivemos,
Esquece as vezes que te fiz chorar.

SOLIDÃO

Por quê? Por que, mulher, surgiste em meu caminho,
Abrindo, irrefletida, a enferrujada porta
Do solar onde vive, à mingua de carinho,
Um coração que, a custo, a solidão suporta?

Bem quisera sentir o aconchego de um ninho
De ventura e de amor, que suaviza e conforta;
Mas terei que seguir pela vida sozinho:
Não se crê no porvir, se a esperança já é morta.

Tantas vezes já fui friamente enganado,
Que de balde procuro esquecer o passado,
Um passado cruel que ainda fere sem dó!

Que és sincera e leal qualquer coisa me diz.
E até chego a supor me fizesses feliz.
Mas é tarde demais... Vai, e deixa-me só! ...

UM SÓ!...

– “Apenas um, querida...” – E foi assim
Que, aproveitando afortunado ensejo,
Eu te roguei timidamente um beijo,
Ventura que era muita para mim!

– “Mas, um somente...” – concordaste, enfim,
Faces coradas do rubor do pejo.
E meu lábios, frementes de desejo.
Uniram-se a teus lábios de carmim.

O tempo, entanto, indiferente passa...
E, hoje, lembrando tudo, eu acho graça
Daquele acanhamento de nós dois,

Do que te disse, do que me disseste...
Pois, quantos beijos já depois deste,
E quantos beijos já te dei depois! ...

CIGANINHA

Você leu a minha sorte,
– Indiscreta ciganinha –
Revelando os mais recônditos
Segredos da vida minha.

Você disse, olhando as cartas:
– “Vejo um coração ferido...
Incertezas... Desenganos...
Amor não correspondido...”

Vejo um vulto de mulher...
Vejo alguém que você ama
Em silêncio e, desse amor
Em troca, nada reclama...”

Você tudo adivinhou.
Só uma coisa não. Por quê?
Cigana, você não soube
Que esse alguém era você!

NO TEU ANIVERSÁRIO

Quando tua alma esperançosa abriga
Os sonhos de mais uma primavera,
Quisera outra, que já nada espera,
Dizer-te alguma coisa, minha amiga.

Mas se ainda tu vives de quimera,
Em verdade, não sabe o que te diga,
Na descrença que os dias lhe castiga,
Meu triste coração feito tapera.

Quero, entanto, um desejo formular-te
Nestes versos sem mérito e sem arte
Que compus para o dia de teu anos,

Que brotaram de minhas amarguras:
– Seja-te a vida plena de venturas
Como farta me foi de desenganos.

DÚVIDA

Tanta expressão e tanto ardor procuras
Dar às tuas palavras de veludo,
Que penso ver teu coração, desnudo,
A prometer-me um mundo de venturas.

E, às vezes, quero acreditar em tudo:
Em teus olhos, teus beijos, tuas juras;
Achar que são sinceras, que são puras
As promessas de amor com que me iludo.

Mas apesar das cousas que me dizes,
Deixando-me sonhar dias felizes,
Fazendo-me esquecer horas insanas,

Tortura-me, no fundo do meu ser,
A dúvida cruel de não saber
Se tu gostas de mim, se não me enganas.

RESISTÊNCIA

Bem sei de muita gente que censura
Este amor que de há muito alimentamos.
Não me importa, porém, se alguém murmura:
Só me basta saber que nos amamos.

Sempre existe no mundo quem procura
Destruir todo o bem com que sonhamos
E acabar com essa pouca de ventura
Que tantas vezes, sem colher, buscamos.

Mas, dissabores suportando, embora,
Iremos juntos pela vida a fora.
Ninguém nos há de separar! Ninguém!

E, contra tudo que nos causa dor,
Que eu saiba apenas que me tens amor;
Que apenas saibas que te quero bem!

OBSESSÃO

Se a causa desta paixão
É ideal inatingível,
Por que vive, coração,
Neste desejo impossível?

Não passe além do seu nível.
Escute, atenda a razão,
Pois a quem ama é terrível
O desengano de um – *Não*.

Coração que vive triste,
Coração, por que persiste
Nesta loucura? Por quê?

E ouço-lhe a voz sem ofensa:
O amor é louco – não pensa;
O amor é cego – não vê.

ESSES OLHOS

Olhos meigos, tranquilos, sonhadores,
Repletos de ternura e suavidade...
Traduzem tanta paz, tanta bondade,
Esses olhos profundos, cismadores.

São doces, divinais, encantadores,
Imersos no abandono da saudade,
Olhos errantes que a tristeza invade
Sempre que alguém lhes vem falar de amores.

E nesses olhos de atitude esquiva
Vem brilhar uma lágrima furtiva,
Nascida de recônditos refolhos.

Contemplando essa lágrima discreta,
Eu adivinho qualquer dor secreta
Brotando da tristeza desses olhos.

MARIA DA CONCEIÇÃO

Maria da Conceição,
(Que nunca mais hei de ver...)
Seu nome hei de sempre ter
Impresso no meu coração.

Linda flor do meu sertão,
Que mal sabia escrever...
E foi todo o meu querer...
Amei-a com devoção.

Inda hoje conservo a prenda
Que me deu, sustendo o pranto,
Quando voltei pra cidade:

Alvo lencinho de renda,
Trazendo, bordada a um canto,
Esta palavra – *SODADE*.

MADRIGAIS

REVELAÇÃO

Eu não sonhava que a vida
Fosse tão boa, querida,
Tivesse encantos assim.
Somente agora é que sei,
Quando estás perto de mim,
Quando estou perto de ti,
O tempo que não gozei,
A vida que não vivi!

LINGUAGEM DOS OLHOS

Silêncio! Silêncio agora.
Deixa a linguagem sonora
E os olhos vamos ouvir:
Nesse diálogo mudo,
Teus olhos me dizem tudo,
E os lábios... podem mentir.

COMPENSAÇÃO

Amo-te muito e, não raro,
Recebo o desprezo amaro
Em paga de meus carinhos.
Mas, pouco importa, formosa!
Ante a beleza da rosa,
Esqueço a dor dos espinhos.

CAPRICHOS DO TEMPO

Quando estou de ti distante,
Caprichoso, torturante,
O tempo custa a passar.
E agora, estando a teu lado,
Vai o relógio apressado.
– Ponteiro, mais devagar!

PERDOANDO

Do que me fizeste outrora,
Queres tu saber agora,
Se guardo ainda ressábios.
Não me conheces – bem vejo; –
Pois, anda, colhe, num beijo,
A resposta de meus lábios.

REMÉDIO

Enquanto do amor a chama
Envolve-me como louca,
Peço-te coisa bem pouca:
Na minha boca derrama,
Para afogar-me os desejos,
Da taça da tua boca
O doce mel de teus beijos.

CARIDADE

Se és boa para o mendigo,
Não sei por que não consigo
Teu coração apiedar.
Pobre de amor, eu preciso
Da graça do teu sorriso,
Da esmola do teu olhar.

ARREPENDIMENTO

Quando de sonhos vivia,
Não sabendo o que perdia,
Fui outra vida buscar...
Hoje, em meus dias tristonhos,
Quisera a vida de sonhos,
E já não posso sonhar.

DIVAGAÇÕES

AUSÊNCIA

Não conheces talvez toda a extensão
Dessa palavra que se chama Ausência.
Tão pequena, tão simples na aparência,
Mas que tortura tanto o coração.

É o suplício cruel da solidão
E esse rumor de passos, em cadência,
Das saudades que chegam, sem clemência,
Das alegrias que chorando vão.

Ouço-te a voz... Diviso a tua imagem
Que bem depressa se desfaz. Miragem,
Ao mesmo tempo meiga e torturante,

Que me traz a certeza do deserto,
Nesta ilusão de te sentir tão perto,
E nesta dor de te saber distante.

GOTAS D'ÁGUA

Pingos d'água caindo no telhado,
Gotas d'água rolando na vidraça,
Nem murmurinho manso e compassado
Que silencia quando a chuva passa.

Música singular que nos enlaça,
Ouço-a sempre, tristonho, emocionado,
Enquanto no meu cérebro perpassa
Vaga lembrança de feliz passado.

E, de meu quarto na silente calma,
Revolvo os escaninhos da minha alma,
Perscrutando-lhe os íntimos refolhos.

Mas, que cruéis, acérrimos instantes!
E como são amargas, escaldantes,
As gotas que rorejam de meus olhos.

ISOLAMENTO

Trago comigo este fadário triste
De alegria não achar em parte alguma
E só tristeza conhecer, em suma,
Sabendo, embora, que a alegria existe.

Somente fel dos lábios meus ressuma,
E, enquanto a dor em torturar-me insiste,
O desolado coração assiste
Às ilusões morrendo uma por uma.

Jamais consigo ter o que procuro:
Nem mesmo um raio de felicidade
Vem devassar o meu destino escuro.

E vivo nesta imensa soledade,
Sem ter uma esperança no futuro,
Sem guardar do passado uma saudade.

ET ERNA

Durou tão pouco... e foi-se como um sonho
Essa que está na placidez da tela,
Tão perfeita, tão viva, que suponho
Ver mais do que o retrato me revela.

Vezes sem conta a contemplar me ponho
Esse corpo venusto de donzela,
O rosto angelical, o olhar tristonho...
E me quedo a pensar: – como era bela!

Trabalho magistral! Quadro sublime!
Com tanta vida a realidade exprime,
Que nunca chego a me faltar de vê-lo.

Feliz artista, eu te bendigo, quando
Lhe pintaste o retrato, eternizando
A efêmera existência do modelo.

VINGANÇA

Pátria que além ficou! Há de sempre lembrá-la,
Durante o cativeiro amargurado e longo,
Na saudade, no banzo, e no sonho que fala
De uma vida feliz nas florestas do Congo.

Quando agora procura a tristonha senzala
Alegrar com o batuque, — às pancadas do gongo
Já responde o feitor com o azorrague que estala,
Impedindo, malvado, os gingados do jongo.

Do branco não lhe vem um gesto de carinho,
E, em paga de trabalho, o açoite, o pelourinho,
A cruz do sofrimento alçada a vida inteira.

Mas o negro se vinga: e o sangue do cativo,
Sorrateiro, se mescla ao do senhor altivo,
Na mista formação da raça brasileira.

TEMPESTADE

Noite de inverno tenebrosa e fria.
Lá fora, o vento, sibilando, passa,
Como o feroz rugido da Desgraça,
Como um gemido longo de agonia.

Tudo cede ao furor da ventania
Que, na louca investida, tudo enlaça
E, na faina incansável da devassa,
Rebrama, turbilhona e rodopia

Relâmpagos, trovões, forte aguaceiro;
E um verdadeiro caos surge do nada,
Como se o mundo desabasse inteiro.

É a sinfonia horrísona, infernal:
A natureza executando, irada,
Um tremendo concerto universal.

FLORESTA

Quais gigantes de máscula estatura,
Erguem-se, fortes, rijas, majestosas,
Árvores seculares e frondosas,
De enormes proporções, de grande altura.

Revelando prodígios da natura,
Trepadeiras volúveis e graciosas,
Em curvas impossíveis, caprichosas,
Descrevem labirintos na espessura.

Sob o docel da selva verdejante,
Pode o viajero palmilhar, errante,
Dias e dias, sem chegar-lhe ao termo.

E é no silêncio, ali, da mataria,
Onde nossa alma, livre, se extasia
E onde se sente a solidão do ermo.

NUM ÁLBUM

Quisera, de minha lavra,
Nesta folha de amizade
Só deixar uma palavra:
– Felicidade!

Mas de balde a procurei
Nas dobras do coração,
Onde somente encontrei
– Desilusão!

FELICIDADE

Busquei a Felicidade,
Quando ainda adolescente,
E escutei da Mocidade:
– Está na frente!

Deixei longe a meninice,
O meu tempo de rapaz.
Indago... E diz-me a Velhice:
– Ficou atrás...

ERA UMA VEZ...
(*POEMA*)

ERA UMA VEZ...

(GOIÂNIA, numa visão do futuro)

A um canto do salão, numa velha cadeira
Que de certo sabia a sua vida inteira,
 Cochilava a vovó.
Quando a noite chegava, era costume antigo
Procurar, como sempre, aquele canto amigo,
 Triste, calada e só.

Então, deixava à solta o pensamento errante,
Relembrando, talvez, num passado distante.
 Os seus dias de glória.
E ficava a cismar até que, de mansinho,
Meiga voz lhe pedia, em sussurro, baixinho:
 – “Vovó, conte uma história” ...

Ouvindo aquela fala, a velha estremeceu;
E, como por encanto, em sorriso se abria
 O rosto emurchecido
Onde o tempo deixara os mais profundos traços.
E, os olhos descerrado, estreitava nos braços
 O netinho querido.

Que festa ela fazia abraçando a criança!
E, naquele momento, a saudade e a esperança
Beijavam-se de leve.

Depois, – muito feliz! – ao louro pequenino
Vovózinha contava histórias de Aladino
E de Branca de Neve.

Nessa noite, porém, repassando a memória,
Não encontra avozinha uma única história
Que lhe reste contar,
Confessando, afinal, que não sabe mais nada.
Não resiste a criança a recusa forçada
E se põe a chorar.

Afasta-se, depois, alcançando a janela.
E seu rosto se alegre, e seu olhar revela,
Enlevo, admiração!
Ao alto, a esfera azul de estrelas constelada;
Embaixo, era a cidade imensa, iluminada:
Luzes em profusão.

Deslumbrante impressão que a retina recebe!
Maravilhas sem par que a mente não concebe,
Que diria sonhadas!
E o pequeno se julga em palácio lendário,
De onde a vista devassa um mundo imaginário
De gênios e fadas.

A cidade, alteira, imponente domina,
Orgulhosa, soberba, esmaltando a campina
A perder-se de vista.

Monumento imortal que ao passado, redime:
A cristalização de uma obra sublime,
De uma obra de artista!

Um quadro sempre novo e, nele, quanta coisa
Em que o olhar infantil, deslumbrado, repousa,
Repleto de emoção,
E, perdendo a noção do tempo e do lugar,
Quer reter a criança o que pode abraçar
Com os olhos da visão.

De uma praça central, inúmeras, compridas,
Vão por aí além as largas avenidas,
Pianas, horizontais,
Recortando a cidade em vária, direção,
Parecendo, talvez, de um grande coração
As artérias vitais.

E praças e jardins, vivendas e sobrados,
Torres de catedrais, arranha-céus pesados,
Asilos, hospitais,
Institutos de ensino, e clubes e cinemas:
De mármore e cimento esculpidos poemas
Em versos imortais.

Na praça principal que distante se avista,
Numa estátua de bronze, em trabalho de artista,
Uma figura austera.
Quem será, por acaso? O jovem não conhece.
Mas há de ser alguém que tal honra merece,
Que a cidade venera.

Como parte, também, do quadro magistral,
Ao longe se destaca o parque industrial
 Que a um bairro todo abraça:
Enormes pavilhões, máquinas a rodar,
E as altas chaminés soltando para o ar
 Espirais de fumaça.

Automóveis cortando avenidas ao meio;
Multidão que desfila ao longo do passeio:
 Gente que vai, que vem ...
Uma orquestra executa a Nona Sinfonia.
E lá, distante, um apito à cidade anuncia
 A chegada de um trem.

Enquanto aqui fervilha um formigueiro humano,
Além, inda o sossego impera soberano.
 Para o descanso dalma,
Um bosque umbroso, amigo; embalante cascata
A ninar, em surdina, o silêncio da mata:
 A solitude, a calma...

E, depois, um jardim, adorável recanto,
Que de flores se veste e do mágico encanto
 Das fontes luminosas;
E ditosos casais de jovens namorados
Que, vivendo de amar, passeiam descuidados
 Entre cravos e rosas.

Cidade a transpirar seiva, vitalidade,
Calor, agitação, vigor, atividade,
 Progresso, dinamismo;

E quietude e sossego e sonhos e poesia,
E tudo, tudo mais que traduz alegria,
Beleza, romantismo.

Eis o quadro, afinal, que o jovem descortina
E que lhe ficará gravado na retina,
Sem nunca se apagar.
Ah! Se pudesse achar alguém que, de memória,
Um dia, da cidade a interessante história
Lhe soubesse contar! ...

Vem-lhe uma inspiração. E, deixando a janela:
– “Vovózinha, quem fez esta cidade bela
Que palpita lá fora?”
– “Anda cá, meu netinho. Esta cidade linda
É uma história, também, que não te disse ainda,
Que vou contar-te agora.

Era uma vez um mago, um mágico. Vivia
Bem distante daqui. O seu reino abrangia
Uma grande extensão.
Até hoje inda existe e a Natureza quis
Fosse ele, para sempre, uma terra feliz,
Terra da Promissão.

Goiás chama-se o reino, essa terra encantada,
De que invisível mão fez um jardim de fada,
Onde tudo floresce;
Onde há gado a pastar nos campos, na devesa,
E o ativo lavrador lança o grão na certeza
De promissora messe.

E bem pode chamar-se o celeiro do mundo
Essa terra bendita, esse solo fecundo
 Que da seca os rigores
Desconhece. Estendal de colorido eterno,
Toda ela se recobre, à chegada do inverno,
 De frutos e de flores.

Por toda a parte, a vida, a natureza em festa:
Nos prados e vergeis, no seio da floresta,
 Nas virentes campinas;
Nas alturas sem par das serras de granito
Que parecem tocar as raias do infinito;
 Nos vales, nas colinas.

Aqui, grande cidade; ali, pequenas vilas;
Depois, lagos azuis, onde vivem tranquilas
 As garças, aos casais;
A linfa cristalina a jorrar de uma fonte;
E, ao longe, muito além, na fimbria do horizonte,
 Verdes buritizais.

E de imensos caudais as águas volumosas:
O Araguaia buscando, em curvas caprichosas,
 O Tocantins gigante.
Terra que guarda, enfim, fabuloso tesouro:
Minérios de valor e ricas minas de ouro
 E minas de diamante.

Revelando, porém, uma face contrária,
Era pobre, acanhada, antiga, centenária,
 De reino a capital.

Uma cidade culta, um ninho de poesia,
Cheia de tradições, mas que contradizia
O concerto geral.

E foi, então, que o mago, empreendedor, audaz
Deu nova capital ao seu reino, a Goiás.
De uns passes de magia
Nasceu esta Goiânia.” E a velha prosseguiu:
“Esta cidade, enfim, como um sonho surgiu
Da noite para o dia.

E hoje é o que tu vês: oitava maravilha
Que sob um céu de anil intensamente brilha.
Fulgurante clarão!
Neste nunca parar, neste sempre crescer,
Goiânia ainda é mais do que pudeste ver
Com os olhos da visão.

É a velhice a ceder lugar à mocidade,
E, dentro do Brasil, é mais uma cidade,
Garbosa a despontar;
O destino a correr em marcha acelerada:
É Goiás despertando, ao toque de alvorada,
De um sono secular.

Raro exemplo de audácia, um rasgo de heroísmo;
A prova mais cabal de sadio civismo
Que se pode exigir.
Uma lição de fé que a lutar nos ensina;
Caminhada fugindo ao passado, à rotina,
E buscando o porvir.

Um poema imortal, uma empresa arrojada;
A civilização numa forte avançada;
 E mais, e muito mais:
É a Nova Capital que grandeza traduz,
Súbita transição de trevas para a luz:
 Orgulho de Goiás!

Não faltaram, porém, feiticeiros anões,
Procurando impedir, em loucas pretensões,
 A empreitada sem par.
Mas, perdidos, por fim, tiveram que ceder.
E a vitória sorriu ao que soube vencer,
 Porque soube lutar.”

– “Mas quem foi, afinal, esse gênio que veio
O seu reino tornar de progresso mais cheio,
 De belezas mais rico”?
– “Uma estátua, lá fora, em trabalho de artista,
Do mago perpetua o vulto de estadista:
 Foi Pedro Ludovico.

Foi ele o fundador desta cidade bela
Que ainda há pouco viste, olhando da janela,
 Pasmado, embevecido.
Cidade que conservo, aqui, no coração!
Goiânia que me traz feliz recordação
 De um tempo já vivido!

Ambas da mesma idade, em convívio constante,
Lembro nosso viver, num passado distante,
 Bem distante daqui.

Era eu moça e bonita; ela, uma jovem linda,
E, agora, continua adolescente ainda,
Mas... eu envelheci.

Tinha, naquele tempo, encantos, formosura,
E, nos bailes, eu era a principal figura.
Cercada de afeições,
Vivia bem feliz, ditosa, cortejada,
Sorrisos repartindo, amando e sendo amada,
Prendendo corações.”

Devaneia... E uma voz à realidade a chama:
– “Muito bem, vovózinha!” É o pequeno que exclama,
Atento, ali, juntinho.
A pobre da vovó fica desapontada,
E, confusa, interrompe a história começada:
– “Vai dormir, meu netinho.”

Desta vez, entretanto, a caminho do leito,
O pequeno se afasta, alegre, satisfeito:
– “Boa noite, vovó!”
– “Boa noite, meu anjo” – a avózinha responde,
Enquanto, comovida, uma lágrima esconde,
Triste, saudosa e só...

Vibrações

Poesias de J. Lopes Rodrigues. Encontra-se à venda na Livraria de "O Popular". — Preço: Cr\$ 20,00 — Atende-se pedido do interior pelo serviço de reembolso postal. — Avenida Goiás, 31 — Caixa Postal, 13. — Goiânia.

*Menção ao livro **Vibrações**, de José Lopes Rodrigues, em anúncio comercial do jornal O Popular de 11 de dezembro de 1949.*

LINGUAGEM E POESIA (II)

Jean François Douliez

Concordo plenamente com as palavras do poeta goiano José Lopes Rodrigues, que, no prefácio do seu livro "**Vibrações**" diz o seguinte: "Vibrações não é, porém, um livro onde se possa marcar encontro com a poesia moderna. Daí o receio de que não seja compreendido pelos novos. Se, no entanto, jamais me afastei dos moldes da velha Escola, é, por não conceber a realização da Arte sem concurso da forma".

*Menção ao livro **Vibrações**, de José Lopes Rodrigues, no artigo "Linguagem e poesia (II)", de Jean François Douliez, publicado no suplemento literário do jornal O Popular de 13 de fevereiro de 1966.*

POSFÁCIO
**A MODESTA CONTRIBUIÇÃO
À POESIA GOIANA DE
J. LOPES RODRIGUES**

Tarefa difícil ao leitor-pesquisador de poesia é buscar o registro do nome do poeta José Lopes Rodrigues entre autores que marcaram a poesia goiana na metade do século XX, quando o autor publicou seu livro *Vibrações* (1949). Lopes Rodrigues padece do mesmo desconhecimento que outros autores não canonizados como José Xavier de Almeida Júnior, Marilda Palínia, Genezy de Castro e Silva e o excelente João Accioli, poeta fundamental para as nossas letras e esquecido. A falta de reedição das obras da nossa literatura e também de uma história da literatura goiana de fôlego contribuem para que os poucos registros do passado fiquem reservados, quando ainda existem, aos arquivos e às vezes às bibliotecas. Dessa forma, o resgate proposto pelo Projeto Artífices da Editora do Instituto Federal de Goiás é oportuno, pois retoma uma memória impressa pelas linotipos de seu parque gráfico, que integra a história da cultura de Goiás. O único livro de Rodrigues foi publicado pela antiga Escola Técnica de Goiás e hoje cumpre renovar a tessitura dessa memória destecida pelo tempo.

Vamos ao poeta. Figura atuante no meio literário da época, J. Lopes Rodrigues, assim assinou seu livro, situa-se no período de afirmação da literatura goiana na primeira metade do século XX. As décadas de 1940 e 1950 foram fundamentais no campo literário. Observa-se nesse

momento um conjunto de produções tateando uma unidade, com autores se aproximando e comungando ideias e projetos. A movimentação cultural ocorrida em Goiânia, desencadeada pelo Batismo Cultural em 1942, fez com que intelectuais, artistas e escritores se conectassem com o resto do país. E daí alicerçassem bases para, de fato, surgirem condições profissionais de produção das obras literárias, como a abertura de editoras e de livrarias e, conseqüentemente, a formação de um público leitor, ainda que pouco numeroso. A mudança da capital da Cidade de Goiás para Goiânia e toda a efervescência criada com os acontecimentos políticos, culturais e sociais que esse ato significou criaram o dinamismo necessário para a busca do novo nas artes. A cidade histórica e origem do povo goiano significava o passado, quando não o passadismo, e mitigava a perda das prerrogativas de capital com a alcunha de “berço da cultura goiana”. Já Goiânia era o novo, o progresso, um horizonte por desfraldar. Segundo A. G. Ramos Jubé (1978, p.69),

Coincide, pois, o nascimento de Goiânia com a eclosão do nosso Modernismo, inaugurando-se aquela em 1942, e este já se vinha manifestando antes, através da imprensa, e, principalmente no jornal *O Popular*, ganhava veículo apropriado para a sua difusão na revista *Oeste*, aparecida também nesse ano.

Finalmente, reverberou na literatura goiana, mais ou menos 20 anos depois do seu início, o Modernismo brasileiro. Os escritores começaram a fomentar no cerrado as suas conquistas. No caso da poesia, educados pelas lições da forma como pressuposto primeiro da composição poética, os poetas animados com os ventos desenvolvimentistas buscaram o verso livre, a liberdade de criação, os temas prosaicos, a revisão

crítica do passado, a predileção ao tempo presente etc. Foi o caso de José Godoy Garcia, Bernardo Élis, José Décio Filho, João Accioli, entre alguns outros. Porém, nesse cenário, houve os que se colocaram com um pé atrás em relação às mudanças e recusaram as ideias oriundas da Semana de 1922. O anacronismo, fenômeno percebido na poesia goiana nas duas primeiras décadas do século XX, quando poetas como Luiz do Couto, Leodegária de Jesus, Joaquim Bonifácio, Ricardo Paranhos e Gastão de Deus praticaram um romantismo tardio, dominado pela forma parnasiana, ainda resistia com suas variações na contracorrente dos acontecimentos da época. Nessa tensão entre o antigo e o novo, poderemos inscrever a poesia de J. Lopes Rodrigues e compreender o significado de sua “modesta contribuição à poesia goiana.”

Numa pesquisa aprofundada, poucas informações sobre o poeta em análise são encontradas. A referência mais notável é de Gilberto Mendonça Teles em seu *A poesia em Goiás: estudos goianos I* (1983). Publicado originalmente em 1964, é o estudo mais substancioso sobre a poesia goiana, abrangendo o seu primórdio – com Bartolomeu Antônio Cordovil e seu *Ditirambo às ninfas goianas*, publicado no final do século XVIII – até o início de 1960. Na obra de Teles, J. Lopes Rodrigues está incluído no grupo dos paramodernistas. O poeta e crítico goiano escreve que, no Pré-Modernismo goiano, entre 1930 e 1942, houve “escritores que, ou por temperamento ou condições ambientes, continuaram fiéis à tradição romântico-parnasiana, resvalando-se algumas raras vezes para a poesia simbolista.” (TELES, 1983, p. 119). Descompassados do seu próprio tempo, alguns desses escritores superaram a desatualização e nos deixaram obras significativas. É o caso do poeta e crítico A. G. Ramos Jubé, cujas primeiras publicações estão apegadas a uma

estética romântica sob forma parnasiana. Porém, mais tarde, a forma rigorosa do exímio e talvez melhor soneticista do cerrado ganha os ares da estética modernista, dando um salto que expandiu a sua poesia para a linguagem de leveza coloquial e os temas mais próximos da realidade. Outros resistiram aos movimentos de renovação que ocorriam nas artes goianas, não produzindo algo que ultrapassasse seu próprio tempo.

O paramodernista J. Lopes Rodrigues publicou um único livro e com Xavier Júnior reagiram ambos contrariamente ao Modernismo (ver TELES, 1964, p. 112). Atuando em jornais, nos meios de movimentação cultural, Rodrigues defendia uma poesia aferrada aos princípios parnasianos e, como demonstra em seus poemas, foi um bom conhecedor da poética aos moldes de Olavo Bilac. A partir disso, é mais fácil compreender a palavra ao leitor que o poeta anota na abertura do seu livro. Ele diz que seu livro é uma “modesta contribuição à poesia goiana”. Em meio ao barulho modernista, que apontava para o futuro, Rodrigues se posicionava olhando para o passado. Um dos seus méritos é o da honestidade e coragem naquele momento de efervescência. Defende, nas “Duas palavras”, uma poética passadista, já adverte que *Vibrações* não é “um livro onde se possa marcar encontro com a poética modernista.” E deixa ao leitor o julgamento. Ele tinha consciência de que, mesmo com os ventos modernistas soprando no cerrado, havia leitor para a poesia mais formalista.

O texto de abertura do livro não pode ser ignorado, constitui um documento histórico-literário de uma época. Mas vem a calhar em uma proposta de leitura como tópica da modéstia afetada, quando o autor se posiciona humilde diante do leitor para conquistar a sua benevolência. No caso de Rodrigues, frente ao contexto histórico-literário apresentado,

sua modéstia talvez fosse para se colocar na defensiva em relação ao que acontecia no meio literário e o que propunha em seu livro. Assim, poderia diluir a animosidade da recepção, conquistar a sua simpatia e reafirmar o “curso da forma” na sua concepção de arte.

Preparado o terreno, Rodrigues entrega ao leitor versos rigorosos, de expressão romântica, combinando a sutileza da imagem que vigora no controle da fatura poética sustentada por uma linguagem que se abre para uma emoção única: a do coração que se fecha na solidão, como é o caso do soneto a seguir, intitulado justamente de “Solidão”:

Por que? Por que, mulher, surgiste em meu caminho,
Abrindo, irrefletida, enferrujada porta
Do solar onde vive, à mímica de carinho,
Um coração que, a custo, a solidão suporta?

Bem quisera sentir o aconchego de um ninho
De ventura e de amor, que suaviza e conforta;
Mas terei que seguir pela vida sozinho:
Não se crê no porvir, se a esperança já é morta.

Tantas vezes já fui friamente enganado,
Que debalde procuro esquecer o passado,
Um passado cruel que inda fere sem dó!

Que és sincera e leal qualquer coisa me diz.
E até chego a supor me fizesses feliz.
Mas é tarde demais... Vai, e deixa-me só!...

Em seus versos alexandrinos, com rimas ricas e perfeitas quanto à sonoridade, o sujeito lírico expõe uma problemática que poderia ter extensão filosófica se não fosse a pergunta direcionada à mulher em quem deposita a culpa de sua desventura amorosa. Essa fala dirigida a uma segunda pessoa dá o tom confidencial ao poema, cujo emissor declara a total dependência de outra pessoa para ser feliz. Assim, o tom intimista e circunstancial limita a expressão lírica a um evento particular, mas as imagens evocadas deixam ao fim da leitura uma sensação que remete ao título do poema.

Semanticamente o poema se estrutura em duas figuras de linguagem: a metáfora da porta enferrujada de um solar, sugerindo o pouco acesso a esse espaço reservado do sentimento e a metonímia do coração como representação do todo, o eu lírico envolvido nessa situação de solidão. O “ninho de ventura e amor” poderia ser considerado uma metáfora desgastada, que pouco acrescenta à fecundidade imagética do poema, mas o inscreve aos recursos comuns à estética romântica, pela qual o poeta goiano ainda é influenciado nessa primeira metade do século XX.

José Lopes Rodrigues veio de Almas, hoje Tocantins, para Goiânia, no início de sua fundação, quando foi professor de Língua Portuguesa na antiga Escola Técnica Federal de Goiás. Consta em sua biografia que tenha começado seus estudos em Natividade, depois Barreiras e Salvador (Bahia), onde foi contemporâneo de Jorge Amado, do que tinha muito orgulho. Depoimentos de colegas contemporâneos afirmam que o que dava especial brilho às suas aulas era o fato de já ensinar gramática acompanhada de textos que recitava, com especial dedicação à poesia (AIRES, 2008).

Para situar o autor num contexto histórico nacional, em que conta a noção de campo literário, de Bourdieu (2002), dialogando com a proposta de Candido (1997) na formação da literatura brasileira, consideramos que os bens culturais se integram num sistema de produção, veiculação e consumo para compor o que se pode chamar de patrimônio cultural de uma comunidade, conforme as considerações dos dois autores. Essa ideia ganhou vigor e se tornou frutífera para a crítica literária quando os interesses de Bourdieu expandiram para a produção, a reprodução, a difusão e o consumo de bens culturais, firmados em conceitos sociológicos que incluem a contribuição do Estado e do Mercado para constituir, conservar e divulgar os bens simbólicos, compondo um sistema que pode funcionar tanto para a expansão da cultura de uma região quanto para o seu apagamento.

Em se tratando da história da poesia goiana, no seu campo literário e participante de um organismo sistemático, *A poesia em Goiás* (1983), de Gilberto Mendonça Teles, é obra-referência desde sua publicação, com a pretensão de cobrir um longo período histórico, que, como mencionado anteriormente, vai dos anos finais dos setecentos até 1960. A obra registra, no intervalo entre 1930 e 1950, período de produção e divulgação da obra em destaque neste estudo, a relevância da Revolução de 1930, em que reflexos do Estado Novo de Vargas condicionaram a construção de Goiânia, local onde J. Lopes Rodrigues escolheu para publicar os poemas que foi escrevendo ao longo da vida.

O poeta pertenceu, na década de 1950, ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e à Academia Goiana de Letras, onde foi sempre celebrado como secretário dedicado. Nascido em primeiro de dezembro de 1908, sendo então

contemporâneo de vários representantes de uma década muito produtiva da poesia em Goiás. Segundo Gilberto Mendonça Teles (1983, p. 131–132),

um acontecimento muito auspicioso e que contribuiu para a divulgação do nome de Goiás, foi a realização de um Congresso Eucarístico, em 1948, que atraiu grande número de pessoas a Goiânia. O hino desse congresso foi composto pelo prof. José Lopes Rodrigues, ao que, aliás, se saiu muito bem, escrevendo uma bela página de poesia sacra.

Gilberto Mendonça Teles, João Accioli, José Décio Filho, Bernardo Élis, José Godoy Garcia, Domingos Félix de Sousa, Antônio Geraldo Ramos Jubé e toda uma geração marcante de poetas que já despontavam no cenário poético goiano nos anos seguintes, de 1960, provavelmente o tenham conhecido ou lido seus versos anacrônicos, quase a contrapelo do desejo e da necessidade premente de modernizar-se, atualizando-se tardiamente com as notícias das últimas tendências da poesia que importava da Europa a influência das modernidades vanguardistas.

Quanto ao período de 1945 a 1955, década em que a obra *Vibrações* veio a público, Teles destaca a consolidação de Goiânia como nova capital, símbolo de uma nova fase política, econômica, social e cultural para o estado de Goiás, todavia com valores ainda não consolidados nessa nova ordem. Essa temática é presença marcante do registro poético de Lopes Rodrigues e essas contradições entre o velho e o novo revestem seus versos de certo atraso em relação às tendências modernas em voga desde as primeiras décadas do século XX.

Nesse cenário de descompasso da literatura em Goiás, já que no plano literário nacional os modernistas já haviam encenado as três diferentes fases do Modernismo, a poesia de Lopes Rodrigues apresenta forte influência do Romantismo, seja por uma questão geográfica, de distância dos grandes centros, seja pela região bucólica e desatualizada predominante no centro do país ou mesmo por uma resistência aos valores da estética modernista. No que diz respeito ao desenho formal estampado nos versos com medidas exíguas, o Parnasianismo e o Simbolismo aparecem como uma tentativa de avanço, mas em conformidade com a visão tradicional de poesia, já que Lopes Rodrigues refuta o Modernismo.

É nesse lugar literário que se pode situar a poesia de J. Lopes Rodrigues, em que a mistura de estilos é feita de uma forma tão natural e simples que acaba numa riqueza discreta como é nosso bioma do cerrado: pobre e rico ao mesmo tempo. Uma poesia cujas orientações de leitura já vêm designadas pelo escritor na entrada da obra, onde o autor exercita também a crítica literária e aponta caminhos de leitura valiosos para uma proposta de poética que parece clara e bem delineada pelo autor-leitor. Valemo-nos de seus pressupostos críticos para analisar e trazer luz aos “versos crus, sem adornos, vestidos pobremente”, segundo diz o autor. Analisemos, então, sua obra pela orientação de leitura pinçada do sintético texto introdutório de seu livro.

NÃO CONCEBO A REALIZAÇÃO DA ARTE SEM O CONCURSO DA FORMA

Lendo com atenção crítica os poemas do livro *Vibrações*, não se pode deixar de perceber as influências do romantismo-parnasiano na construção medida de seus ver-

sos. Com consciência do fazer poético, demonstrando ter um projeto literário bem delineado, o autor afirma na breve apresentação que faz no início de seu livro: “Se não me afastei da velha Escola é porque não concebo a realização da arte sem o concurso da forma.” Essa é uma posição firmada por outros autores, como Augusto dos Anjos, que não desataram os laços com a poesia parnasiana ou mesmo simbolista do fim do século XIX, embora o goiano tenha despido os versos dos adornos linguísticos dos parnasianos, como ele mesmo afirma. Trata-se de uma poesia construída com versos ora curtos, ora longos, em que a ideia cabe exatamente na expressão da forma e conteúdo, como no soneto “Obsessão”, que segue:

Se a causa dessa paixão
É ideal inatingível,
Por que vive, coração,
neste desejo impossível?

Não passe além do seu nível,
Escute, atenda a razão,
pois a quem ama é terrível
O desengano de um – Não.

Coração que vive triste,
Coração por que persiste
Nesta loucura? Por que?

E ouço-lhe a voz sem ofensa:
O amor é louco – não pensa:
O amor é cego – não vê.

(LOPES, 1949, p. 55).

VERSOS SEM ADORNOS, POBREMENTE VESTIDOS

Considerando a preocupação com a forma, sua tendência mais forte é para o parnasianismo, mas a ingenuidade de seu lirismo quase infantil, estampado nas imagens inocentes e leves, cria parentescos inegáveis com a veia de nossos românticos. Em plena época do vigor modernista nos centros da cultura nacional, tal opção indica o anacronismo em que viviam os artistas em Goiás. Se deixou sonetos bem lavrados, como afirma o poeta Aidenor Aires (2008) em crônica comemorativa do centenário do poeta, deixou também versos simples, carentes de substância lírica, em que exprime sua visão fatalista da vida:

ISOLAMENTO

Trago comigo este fadário triste
De alegria não achar em parte alguma
E só tristeza conhecer, em suma,
Sabendo, embora, que a alegria existe

Somente fel dos lábios meus ressuma,
E, enquanto a dor em torturar-me insiste
O desolado coração assiste
Às ilusões morrendo uma por uma.

Jamais consigo ter o que procuro:
Nem mesmo um raio de felicidade
Vem devassar o meu destino escuro.

E vivo nesta imensa soledade,
Sem ter uma esperança no futuro,
Sem guardar do passado uma saudade.

(LOPES, 1949, p. 77).

O pessimismo contido em seus versos o aproxima bastante dos simbolistas, seja por um viés da percepção subjetiva da vida, seja mesmo por uma angústia existencial, a dor de existir em meio ao caos universal, tema tão caro a Baudelaire e seus epígonos:

Relâmpagos, trovões, forte aguaceiro;
E um verdadeiro caos surge do nada,
como se o mundo desabasse inteiro.

É a sinfonia horripante, infernal
a natureza executando, irada
um tremendo concerto universal.

(LOPES, 1949, p. 84).

O exercício poético de J. Lopes Rodrigues ganha um sentido mais amplo e profundo nesses poemas em que o poeta não se limita ao confessionalismo amoroso ou aos poemas com temas circunstanciais, como festas, aniversários ou elogios sentimentais às amadas.

OÁSIS PONTILHANDO CAMINHO LONGO E DESERTO

O livro *Vibrações* é composto de seis partes: “Primeiros versos”, “Exortações”, “Confidências”, “Madrigais”, “Divagações” e “Era uma vez”. Não há propriamente uma concentração temática enfeixando cada parte, mas as cinco primeiras carregam o mesmo tom elegíaco, com “versos sem apuros, sem adornos, pobremente vestidos”. Nas três primeiras partes

predomina o tom confessional dos versos românticos revelando uma visão do amor servil – “Bem depressa dos olhos me sumiste/ nunca mais te pude ver, senhora./ Quanta lembrança na minha alma existe,/ Quanta saudade me tortura agora” (LOPES, 1949, p. 15) – ou de aconselhamento, em que a fluidez da fala soa em confidências espontâneas do eu lírico, que ora fala para si mesmo, ora se dirige a uma segunda pessoa.

CONFISSÃO

Não pode ser possível!... todavia,
Eu sinto qualquer coisa por você
Uma atração que cresce dia a dia,
Sem que a razão possa dizer por que.

Bem que tento ocultá-lo. Quem me vê
não sabe que me empolga e me inebria
este afeto em que - sei - você não crê
E é todo o meu viver, minha alegria.

Amo-lhe os olhos que me prendem tanto,
E esse sorriso que me enxuga o pranto.
Amo-lhe a imagem de feições serenas,

E a graça, a inteligência, a juventude!...
Perdoe-me, pois, se dominar não pude
O que pensei fosse amizade apenas.

(LOPES, 1949, p. 39).

Persiste nos poemas amorosos a ideia de que amor rima com dor, como na visão romântica. Esse sofrer por um sentimento amoroso não correspondido ou não realizado

já não condiz com os paradigmas das ciências humanas do século XX, que procuram penetrar mais fundo na subjetividade humana deflagrando sua complexidade. Nesse sentido, o eu que se expressa na poesia de J. L. Rodrigues é hegeliano, um sujeito identificado com o poeta. A mulher em sua poesia é sempre um ideal semelhantemente aos compêndios do início do século XIX:

Durou tão pouco... e foi-se como um sonho
Essa que está na placidez da tela,
Tão perfeita tão viva, que suponho
Ver mais do que o retrato me revela.

Veze sem conta a contemplar me ponho
Esse corpo venusto de donzela,
O rosto angelical, o olhar tristonho...
E me quedo a pensar: – como era bela!

Trabalho magistral! Quadro sublime!
Com tanta vida a realidade exprime,
Que nunca chego a me faltar de vê-lo.

Feliz artista, eu te bendigo, quando
Lhe pintaste o retrato, eternizando
A efêmera existência do modelo.

(LOPES, 1949, p. 79).

Nesse soneto, intitulado “Eterna”, o eu ensaia uma penetração mais profunda no seu estado de alma, como faz o sujeito descrito por Hegel (1993). “Ver mais do que o retrato revela” sugere uma introspecção pouco comum nessa

poesia fluida, feita sem esforço, como o poeta mesmo diz. Entretanto, na segunda estrofe retorna à superfície, pois o pensamento é apenas voltado para a beleza idealizada da mulher: o corpo de donzela e o rosto angelical. Os movimentos interiores do sujeito deflagram um estado de alma que vai da paixão re-freada à incerteza.

A VIRTUDE DA ESPONTANEIDADE, FLUIDEZ SEM ESFORÇO, NO DESCANSO E NO PRAZER

Esse preceito citado traz para a presença do leitor as festas, os encontros casuais, os primeiros amores, tudo isso envolvido numa atmosfera de saudosismo melancólico de quem já não vive a empolgação da juventude, mas em dias de profunda consciência da irreversibilidade do tempo vivido ou sonhado:

ARREPENDIMENTO

Quando de sonhos vivia,
Não sabendo o que perdia,
Fui outra vida buscar...
Hoje, meus dias tristonhos,
Quisera a vida de sonhos,
E já não posso sonhar

(LOPES, 1949, p. 70).

Experimentando o poema constituído de uma única estrofe, feita em sextilha, uma forma bastante tradicional, com rimas em aabaab, pobres, como em quase todas que realiza, o poeta exprime o descompasso entre o presente e o passado.

A espontaneidade como uma virtude na poesia lírica. Sua origem gemelar com a música guarda essa característica de ser uma expressão momentânea de um sentimento, de uma circunstância, conforme se pode constatar nas cantigas líricas trovadorescas. Dessa gênese até os nossos tempos, essa poesia se transformou conforme as tendências de gosto e criatividade de seus artífices. A influência das escolas literárias reúne grupos de escritores que comungam os traços de um mesmo estilo de época. Para tanto, faz-se necessário uma sintonia entre os autores, uma ideia de comunidade que acabava por excluir os estados mais distantes desses núcleos. Nesse sentido, pode-se dizer que a poesia de Lopes Rodrigues carece dessa atualização com as tendências da poesia nacional de sua época. Embora tenha a simplicidade da poesia que poetas da época, da linha de Manuel Bandeira, faltava-lhe a liberdade modernista que mudou a linguagem da poesia.

LIGEIRAS FUGAS DA REALIDADE. RÁPIDAS EXCURSÕES PELO PAÍS DOS SONHOS

O tom é alterado na última parte do livro para uma evocação da memória voluntária que puxa um fio narrativo da conversa de uma avozinha com o neto para uma louvação à cidade de Goiânia e um encômio ao estado de Goiás, fazendo jus ao telurismo do poeta.

É a velhice a ceder lugar à mocidade ,
E, dentro do Brasil, é mais uma cidade,
Garbosa a despontar;

O destino a correr em marcha acelerada:
É Goiás despertando ao toque de alvorada
De um sono secular.

(LOPES, 1949, p. 105).

Assim, valendo-se de uma sequência de fatos para enlaçar lembranças que registram “horas de enlevo, momentos de estesia, instantes de alheamento”, o eu lírico situa suas raízes em um espaço próprio, onde se sente reconhecido e com autoridade para erguer monumento ao seu Estado. Mesmo num tom encomiástico, ufanista, a poesia de J. Rodrigues se eleva como forma de compor um patrimônio cultural de inegável valor para seu povo:

Goiás chama-se o reino, essa terra encantada,
De que invisível mão de fada,
Onde tudo floresce;
Onde há gado a pastar nos campos, na devesa,
E o ativo lavrador lança o grão na certeza
De promissora messe.

E bem pode chamar-se de celeiro do mundo
Essa terra bendita, esse solo fecundo,
Que da seca os rigores
Desconhece. Estendal de colorido eterno,
Toda ela se recobre, à chegada do inverno,
De frutos e de flores.

(LOPES, 1949, p. 101).

Se essa imagem de um país idealizado tem a mesma moldura dos quadros pintados pelos nossos primeiros poetas

românticos, não é dentro dessas bordas floridas que se vão fixar as medidas sintéticas de uma expressão poética que se constrói não no imaginário dessa terra encantada que não existe, mas na cultura de um povo que quer se incluir no todo de um país imenso e em construção, onde o local se junta ao universal pela diversidade da sua gente. E onde uma obra como a de José Lopes Rodrigues não é apenas uma contribuição modesta para a poesia goiana e sim um respiro que faz vibrar em qualquer tempo e lugar o que há de mais verdadeiro de nosso patrimônio cultural, expondo, inclusive, o seu desajuste com uma modernidade que chegou mal acomodada.

Pode-se dizer que todo o país experimentou um atraso e um mal entendimento sobre o que era ser moderno no início do século XX, mas especialmente Goiás, com seu isolamento dos grandes centros culturais, vivia politicamente um sistema de coronelismo e, nas relações de trabalho feudal, uma forma de escravidão dos menos favorecidos, ou seja, dos que não possuíam terras para cultivar, já que se tratava de um estado cuja base econômica era a agricultura. Poucos reflexos desse modo de vida do povo se lê na poesia de José L. Rodrigues, pois seus temas são mais voltados para o confessionalismo, particularidades amorosas e experiências vividas na juventude. O soneto que segue, intitulado “Vingança”, foge à regra, tratando de uma realidade específica da escravidão com base no mercado negreiro:

Pátria que além ficou! Há de sempre lembrá-la,
Durante o cativo amargurado e longo,
Na saudade, no banzo, e no sonho que fala
De uma vida feliz nas florestas do Congo.

Quando agora procura a tristonha senzala
Alegrar com batuque, - às pancadas do gongo

Já responde o feitor com azorrague que estala,
Impedindo, malvado, os gingados do jongo.

De branco não lhe vem um gesto de carinho,
E, em paga do trabalho, o açoite, o pelourinho,
A cruz do sofrimento alçada a vida inteira.

Mas o negro se vinga: e o sangue do cativo,
Sorrateiro, se mescla ao do senhor altivo,
Na mista formação da raça brasileira.

(LOPES, 1949, p. 81).

Trata-se de um tema deslocado do tempo do poeta, já que a situação social mencionada no poema não foi vivenciada por ele, que nasceu depois da abolição. Buscar um tema do passado do qual certamente ouviu falar enquanto muitos de seus contemporâneos viviam em completo abandono, cativos da miséria e da falta de assistência dos governantes, como pré-modernistas e modernistas mostraram, principalmente na prosa, reflete as escolhas de alguns intelectuais de nosso estado, ainda dessincronizado do seu tempo presente. J. Lopes Rodrigues deixou seu legado, que precisa ser trazido à luz dos dias de hoje. Não só pela sua importância e lugar na série literária goiana, mas também para subsidiar reflexões sobre a formação cultural e intelectual do estado de Goiás.

GOIANDIRA ORTIZ DE CAMARGO

Professora aposentada da Universidade
Federal de Goiás e pesquisadora do CNPq

MARIA SEVERINA BATISTA GUIMARÃES

Professora da Universidade Estadual de Goiás

REFERÊNCIAS

AIRES, Adenor. O centenário do poeta. Disponível em: <http://aidenoraires.blogspot.com/2008/03/jos-lobes-rodrigues-o-centenario-do.html> . Acesso em: 11 nov. 2018

BORDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. Formação da literatura brasileira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. v. I.

HEGEL, G. W. Friedrich. Estética. Trad. Álvaro Ribeiro e Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

JUBÉ, Antônio Geraldo Ramos. Síntese da história literária de Goiás. Goiânia: Oriente, 1978

TELES, Gilberto Mendonça. A poesia em Goiás: estudos goianos I. Goiânia: Ed. UFG, 1983.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

Reitor

Jerônimo Rodrigues da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Paulo Francinete Silva Júnior

Coordenadora da Editora

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Conselho editorial

Carlos de Melo e Silva Neto

Fábio Teixeira Kuhn

Fernando dos Reis de Carvalho

Lucas Nonato de Oliveira

Maria Aparecida de Castro

Maria de Jesus Gomides

Rita Rodrigues de Souza

Tânia Mara Vieira Sampaio

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Coordenação da Coleção Artífices

Olliver Mariano Rosa

Marcela Ferreira Matos

Goiandira Ortiz

Digitização da obra original

Isabel Luisa Sampaio

Revisão

Letícia Braz da Silva

Mabel Pettersen Prudente

Projeto gráfico e capa

Pedro Henrique Pereira de Carvalho

Diagramação

Fabrício Viera de Oliveira (Editora IFPB)

Renata Rosa Franco

Formato 150 x 210mm*Tipografia* Helvetica Neue Bold 12/14 (títulos)
Mrs Eaves OT Roman 11/16 (texto)*Papel* Pólen 80 g/m² (miolo)
Cartão Supremo 300 g/m² (capa)*Tiragem* 500 exemplares**Conselho científico**

Adelino Cândido Pimenta (IFG)

Albertina Vicentini Assumpção (PUC/GO)

Alice Maria de Araújo Ferreira (UNB)

André Luiz Silva Pereira (IFG)

Angel José Vieira Blanco (IFG)

Antônio Borges Júnior (IFG)

Camila Silveira de Melo (IFG)

Cândido Vieira Borges Júnior (UFG)

Carlos Leão (PUC/GO)

Celso José de Moura (UFG)

Clarinda Aparecida da Silva (IFG)

Cláudia Azevedo Pereira (IFG)

Dilamar Candida Martins (UFG)

Douglas Queiroz Santos (UFU)

Gláucia Maria Cavasin (UFG)

Jullyana Borges de Freitas (IFG)

Jussanã Milograna (IFG)

Kellen Christina Malheiros Borges (IFG)

Kenia Alves Pereira Lacerda (IFG)

Liana de Lucca Jardim Borges (IFG)

Lídia Lobato Leal (IFG)

Lillian Pascoa Alves (IFG)

Manoel Napoleão Alves de Oliveira (IFG)

Marcelo Costa de Paula (IFG)

Marcelo Firmino de Oliveira (USP)

Maria Sebastiana Silva (UFG)

Marshal Gaioso Pinto (IFG)

Marta Roverly de Souza (UFG)

Mathias Roberto Loch (UEL)

Maurício José Nardini (MP/GO)

Pabline Rafaella Mello Bueno (IFG)

Paulo César da Silva Júnior (IFG)

Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor (IFG)

Paulo Rosa da Mota (IFG)

Rachel Benta Messias Bastos (IFG)

Ronney Fernandes Chagas (IFG)

Rosana Gonçalves Barros (IFG)

Simone Souza Ramalho (IFG)

Waldir Pereira Modotti (UNESP)

Walmir Barbosa (IFG)

*Quando de sonhos vivia,
Não sabendo o que perdia,
Fui outra vida buscar...
Hoje, em meus dias tristonhos,
Quisera a vida de sonhos,
E já não posso sonhar.*

A COLEÇÃO ARTÍFICES

COMO OS ESTREANTES NA POESIA, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na artefania dos tipos para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio.

Numa ou noutra das obras desta coleção, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a, com os olhos no futuro, folhearem cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.

